

Recebido em out. 2007
Aprovado em dez. 2007

NOTAS SOBRE A DISSOLUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E A
PERSPECTIVA CRÍTICA DA MORAL NOS TEMPOS DE HOJE

Alex Sander da Silva *

RESUMO

O presente artigo discute o que chamamos de processo de *dissolução da subjetividade*, no plano de uma perspectiva crítica da moral. A intenção é “revistar” o *diagnóstico* da *Dialética do Esclarecimento* de Horkheimer e Adorno, sobretudo, em algumas formulações da condição da subjetividade no contexto do *totalitarismo do mundo administrado*. Como também algumas reflexões específicas de Adorno sobre a inconseqüente *danação da vida* no capitalismo moderno.

PALAVRAS-CHAVE

Subjetividade. Moral. Teoria crítica. Razão instrumental.

ABSTRACT

The present article argues what we call process of *dissolution of the subjectivity*, in the plan of a critical perspective of the moral. The intention is to inspect the *diagnosis of the Dialectic of the Enlightenment* of Horkheimer and Adorno, over all, in some formularizations of the condition of the subjectivity in the context of the *totalitarianism of the managed world*. As well as some specific reflections of Adornment on the inconsequential *fury of the life* in the modern capitalism.

KEYWORDS

Subjetividade. Moral. Teoria crítica. Razão instrumental.

* Graduado em Filosofia pela UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA (1996) e Mestre em EDUCAÇÃO pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2005). Doutorando em EDUCAÇÃO pela PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DE SUL – PUC-RS. Atualmente desenvolve pesquisa sobre o “conceito” de EDUCAÇÃO em Theodor Adorno.

I

Em termos de discussão sobre a moral nos dias de hoje, não pode ser possível dissociá-la da reestruturação epistemológica contemporânea, das novas dimensões subjetivas e objetivas da constituição da ética e da moral humana. As relações entre as questões epistemológicas e as questões morais não são apenas difíceis e complexas para serem analisadas, mas também requerem uma atenção em como se comportam os desdobramentos críticos da subjetividade na atualidade.

Em vista disso, poderíamos nos perguntar inicialmente: o que se configuraria um comportamento moral? Qual a relação entre a crise epistemológica e a crise da moral hoje? Entendemos que antes de avaliarmos se um comportamento é moral ou não se faz necessário sabermos em que condições epistemológicas se dão tais comportamentos. A ruptura com antigos parâmetros, as chamadas crises de valores, a crise das ideologias, são realidades que se *mostram* cada vez mais *presentes* em nossa era de globalização capitalista. Desse modo, a necessidade de reflexão crítica para tais questões tornou-se a marca central desse nosso tempo.

Nosso intento aqui é “revistar” o *diagnóstico* da *Dialética do Esclarecimento* de Horkheimer e Adorno, sobretudo, em algumas formulações da condição da subjetividade no contexto do *totalitarismo do mundo administrado*. Como também algumas reflexões específicas de Adorno sobre a inconseqüente *danação da vida* no capitalismo moderno. Nosso intuito é podermos tomar nota do que chamamos de processo de *dissolução da subjetividade*, no plano de uma perspectiva crítica da moral.

É sabido que Theodor W. Adorno e Max Horkheimer retomam criticamente na *Dialética do Esclarecimento*, as dimensões da subjetividade em face às conseqüências da *ratio burguesa*. A crítica causticante dos frankfurtianos ao modelo conceitual da racionalidade hegemônico na modernidade, demonstra a inquietante preocupação quanto a *reificação* do pensamento e da subjetividade. Percebe-se com isso, que a condição epistemológica do sujeito moderno reflete sua condição moral na modernidade.

Se o diagnóstico que Adorno faz com Horkheimer da razão instrumental, demonstra a fatalidade da promessa não cumprida da modernidade. Se o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo (1985, p. 19) e se sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. Então, é correta a percepção dos Frankfurtianos a de que muitos intelectuais iluministas compartilharam do ponto de vista de que, através da ciência e da razão, o ser humano conseguiria alcançar a felicidade, a justiça e a igualdade.

O domínio da *razão instrumental* vislumbrou um entusiasmo no seu caráter auto-suficiente, especialmente a partir das conquistas científicas inseparáveis da técnica. Com o exposto dos frankfurtianos, ao *combater o mito*, o esclarecimento assume o princípio do próprio mito, ou seja,

[...] o princípio da imanência, a explicação de todo o acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol [...] porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados [...] essa insossa

sabedoria reproduz tão-somente a sabedoria fantástica que ela rejeita. (ADORNO; HORKHEIMER, p. 26).

O mito como base do antropomorfismo, ou seja, em que o ser humano projeta a si mesmo na natureza, então: *“todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, o sujeito”* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 22). O caráter e a situação do sujeito moderno revelam sua subordinação a essa caracterização ameaçadora do domínio da racionalidade instrumental.

Nesse processo, os seres humanos transformam em alienação o objeto que está sob seu poder. *“O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este os conhece na medida em que pode manipulá-los”* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24). Segundo escrevem Adorno e Horkheimer,

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

A permanência da escravidão humana no domínio da natureza e de si mesmo assevera a imbricação continuada da relação entre *mito e esclarecimento*. Para

Duarte (1997, p. 46), a *extirpação do pensamento mítico* que era a meta central do programa do esclarecimento na sua marcha para o “*progresso*”, trouxe mais racionalização do pensamento com a mais dura *auto-mutilação* do sujeito, fazendo desaparecer os últimos recônditos para a felicidade, causando uma violação do mais íntimo espaço da *psique* humana.

A essa defendida *extirpação do pensamento mítico* se transforma em mera repetição da condição *mimética ancestral do indivíduo* a partir do modelo de conformismo de sobrevivência. E, de acordo com esse traço de razão, fixada ao que existe de modo imediato e útil, aponta para a vinculação entre a subsunção lógica e uma freqüente *autodemissão* da própria razão (Duarte, 1997, p. 47). O desenvolvimento unilateral de compreensão da racionalidade se transforma numa nova forma de *regressão*.

II

A intenção do *esclarecimento* era a extirpação do domínio do pensamento mítico, na direção do *progresso*. Eis, a *mitologização do conceito de esclarecimento*. A subordinação da razão ao que é dado de imediato torna-se eixo de uma nova dominação. Esse tipo de racionalidade vincula-se ao poder do sujeito sobre o objeto, tem como eixo central à dominação da natureza e conseqüentemente do próprio ser humano sobre si e sobre seu semelhante.

Segundo escrevem Horkheimer e Adorno,

Desse modo, o esclarecimento regride a mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a

mitologia refletira a essência da ordem existente – o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo – como a verdade e abdicara da esperança (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 39).

Os frankfurtianos também vão lembrar que a sociedade moderna capitalista e sua racionalidade se transformaram em instrumentos disfarçados de perpetuação da repressão social. Essa racionalidade que se perdeu no caminho se empobreceu e não consegue mais voltar a si. A razão e a sua pretensão de “guia” da subjetividade perdeu sua capacidade de centrar-se, reduzindo-se ao imperativo científico-tecnológico. Carregando em si elementos *regressivos*, dissolvendo a subjetividade.

O domínio da natureza¹ se desenvolveu no domínio também do ser humano sobre si mesmo, de forma que o *triunfo* que seria a superação do mito, do mundo encantado, tornou-se *barbárie*. Esta é a *rememorização* da própria dominação. Essa dominação alcança os recônditos espaços da subjetividade, escravizando o sujeito, submetendo-o aos caprichos da razão formalizada, calculista e ratificando a lógica do aparelhamento econômico capitalista.

¹ Rodrigo Duarte no texto MIMESE E RACIONALIDADE: A CONCEPÇÃO DE DOMÍNIO DA NATUREZA EM THEODOR ADORNO, discute o conceito de *domínio da natureza* na perspectiva de Adorno. O autor procura demonstrar que toda produção cultural, inclusive a filosófica, sofre o processo de domínio da natureza no decorrer histórico, particularmente, sob o fenômeno da *indústria cultural*, e pergunta-se de como é possível resgatar a dimensão emancipatória da estética como elemento para legitimar a existência humana.

O sujeito é diluído na sua capacidade de autonomia e liberdade, tornando-se escravo de si mesmo e de sua parafernália tecnológica. Sua degeneração objetiva se transfere para o âmbito da cultura na sua alienação máxima. O sujeito jogado nessa lógica ao mesmo tempo em que busca sua emancipação sofre as conseqüências de sua própria aniquilação. *Aquilo que a filosofia transcendental exaltou na subjetividade criadora é o cativo do sujeito em si, oculto para ele mesmo* (Adorno, 1995, p. 191). Esse cativo subjetivo reproduz o cativo social (idem, 192). Ou seja, o sujeito aparece e some, é engolido pela *totalização social*.

Adorno postula uma violenta crítica a racionalidade ocidental instrumentalizada em seus inúmeros mecanismos de *auto-preservação de si*. Tal racionalidade se apresenta contemporaneamente, por um lado, na lógica sistêmica do capitalismo, que na sua forma comanda o desenvolvimento tecnológico na produção e distribuição de mercadorias, por outro, tal racionalidade sofre uma crise de fundamentos em suas orientações epistêmicas.

III

Adorno vinculou-se intensamente com essas questões, sobretudo, na caracterização crítica da sociedade capitalista, diagnosticando a dificuldade de transformação dessa sociedade. Conforme Maar, Adorno anotou em tal diagnóstico a progressiva *totalização capitalista em todas as esferas da vida, como também do prisma de apreensão da sociedade como socialização produzida em determinadas condições* (Maar, 2004, p. 165).

O traço característico desta é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar sua vida num sentido até certo ponto transparente, tal como se dava antigamente na avaliação das relações de mercado [...]. O fim objetivo da humanidade é apenas uma outra expressão para a mesma coisa. Ele significa que o indivíduo enquanto indivíduo, como representante do gênero humano, perdeu a autonomia através da qual poderia realizar efetivamente o gênero (Adorno, 1993, p. 31).

A condição do sujeito na era da *totalização social* capitalista, ou como uma sociedade absolutamente administrada, apresenta-se ai a condição insistente de liquidação do próprio indivíduo e de qualquer forma de alteridade. O desmoronamento da subjetividade moderna, em todas as suas variantes sociais, face ao peso esmagador da objetividade destruidora do mundo, mostra quão insustentável se tornou os mecanismos contemporâneos de *auto-preservação de si*, como elementos sintomáticos de uma *racionalidade instrumentalizada* ainda hegemônica.

Mas é precisamente devido ao fato de a libertação do mesmo não poder ser, por seu lado, de modo “objetivo” que ela não pode tão-pouco ser levada a cabo na forma do sujeito. De acordo com Adorno, enquanto os indivíduos continuarem a deixar-se amarrar à forma do sujeito, eles não poderão alcançar senão a própria perdição. Duarte (1997)² considera que na *Minima*

² Para Duarte (1997, p. 145-146), o principal escopo da MINIMA MORALIA: *reflexões a partir vida danificada* é uma reaproximação entre filosofia e a mais crua imediatidade da vida prosaica na fase tardia do capitalismo mundial, cujo autor empreende [Continua]

Moralia, Adorno alimenta uma aversão a qualquer tipo de *totalização* e um desgosto crítico a lógica da *racionalização social*. Para Adorno, *totalização* é *sinônimo de totalitarismo*. Portanto, somente uma *dialética negativa* preserva o sentido viável da *crítica dialética*.

A dialética negativa é uma dialética sem síntese, que preserva a consciência dos contrários e impede a reconciliação do sujeito a uma ordem social obcecada pela produção do mesmo, do equivalente universal no valor de troca. Tais condutas expressam a decadência das ações de homens e mulheres absorvidos na relação com todo o tipo de “parafernália” *tecnificada*.

A tecnificação torna, entretantes, precisos e rudes os gestos, e com isso os homens. Ela expulsa das maneiras toda hesitação, toda ponderação, toda civilidade, subordinando-as as exigências intransigentes e como que a-históricas das coisas. Desse modo, desaprende-se a fechar uma porta de maneira silenciosa, cuidadosa e, no entanto, firme. As portas dos carros e das geladeiras são feitas para serem batidas, outras tem a tendência a fechar-se por si mesmas, incentivando naqueles que entram o mal costume de não olhar para trás, de ignorar o interior da casa que os acolhe (Adorno, 1993, p. 33).

Adorno manifesta sua desconfiança nas *promessas não cumpridas* do esclarecimento moderno, caracterizadas principalmente nas promessas em que a

[**Continuação da Nota 2**] um implacável acerto de contas com uma representativa tradição filosófica, protagonizada por Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Schopenhauer e Freud, entre outros.

produção tecnológica traria *civilização e progresso*. O caráter de denúncia da situação presente nas críticas de Adorno à não-emancipação iluminista, abarca a compreensão de que a *tecnificação desmancha progressivamente a linha divisória entre cultura e barbárie* (Duarte, 1997, p. 149). Somente uma *ascese bárbara contra a cultura de massa e contra o progresso dos meios seria capaz de produzir de novo a não-barbárie* (Adorno apud Duarte, p. 149).

IV

Se pensarmos na aceleração técnico-científica, contraditoriamente, podemos nos orgulhar da capacidade criadora e reprodutora do ser humano, contudo isso está levando cada vez mais uma instrumentalização do sujeito e da sua constituição moral. Vivemos em uma sociedade de relações *tecnificadas*. O que temos é uma formalização racional reduzida e vinculada ao poder, à dominação e a exploração, conhecida pela sociedade no aspecto da criação/produção/representação de uma *nova barbárie social*.

A crença do ingresso da humanidade num tipo de cultura que levaria ao progresso e libertação dos sujeitos através do conhecimento científico tem demonstrado seu lado implacável de uma *nova barbárie*. No dizer de Adorno,

[...] entre os temas da crítica da cultura, o da mentira é de longa data central: que a cultura simula uma sociedade digna do homem, que não existe; que ela encobre as condições materiais sobre as quais se ergue tudo que é humano; e que ela serve, com seu

consolo e apaziguamento, para manter viva a má determinação econômica da existência (1993, p. 36).

Mesmo com a crescente automação dos processos tecnológicos, com a informatização, com a alta velocidade de circulação das informações, com a ampliação democrática da cultura e do conhecimento, tem levado a humanidade a profundos processos de crises estruturais de organização social. Parece estar em evidência hoje a idéia de eliminação do *outro*, sobretudo, através da discriminação racial, social e da exclusão.

O desenvolvimento do conceito de sujeito significou, a partir do século XVII, na filosofia a consciência de si reflexiva, na ciência o sujeito epistemológico de controle da natureza pelo conhecimento das leis que a regem. Na moral, o inteiramente outro do mundo administrado³, com suas massas de homens e mulheres isolados e supérfluos, vive sem reciprocidade: nele e para ele os homens e mulheres, crianças e jovens são substituíveis e intercambiáveis como mercadorias.

O reconhecimento do outro implicou uma necessidade do reconhecimento de si mesmo. Porém, na contemporaneidade o sujeito inscreve-se na ideologia de

³ O conceito de *mundo administrado* tem a ver com o diagnóstico de Adorno e Horkheimer sobre as análises econômicas de Friedrich Pollock sobre o “capitalismo de estado”. Nessa nova forma do capitalismo, ter-se-ia estabelecido uma nova relação entre o estado e o conjunto do processo produtivo que forneceria ao capitalismo elementos estabilizadores e controladores- o estado passaria a regular a relação entre produção e distribuição, impedindo que ocorressem grandes crises sistêmicas derivadas da “irracionalidade do processo econômico em sua totalidade” (Nobre, 1998, p. 22-24).

uma ciência econômica regida por um circuito fechado de “fenômenos objetivos”, os do mercado mundial capitalista, essa forma moderna do destino os submete. Essa aferição é produzida pelo pensamento único, pelo reino da uniformidade e da unanimidade que sacrifica a alteridade.

No caminho de Nietzsche, a massa constitui-se segundo um espírito gregário acrescido, agora, de um traço especial: trata-se de indivíduos “atomizados”, indivíduos encapsulados em seu próprio isolamento. Isolados também no sentido de seu desenraizamento – não de uma tradição, mas de qualquer tradição, seres gregários e atomizados, posto que destituídos de referências comuns.

Desse modo, também a individualidade, cuja defesa como o pólo do não-idêntico torna-se necessário empreender contra sua completa absorção na impessoalidade da integração identitária, é apenas mais um dos cacos, uma das ruínas e um dos escombros desse real evanescente, cujo mosaico a dialética negativa se esforça por recompor em sua fugacidade [...]. É preciso não esquecer, portanto, que dialética negativa, tal como a realiza Adorno, apreende o conceito de indivíduo como formação histórica da subjetividade burguesa (Giacóia Junior, 2001, p. 75).

Na sociedade de massa tudo passa a ser tomado segundo o valor de troca. Todo indivíduo é intercambiável, dispensável. Massa e classes sociais dissociam-se, pois é característica da primeira não só a ausência de pensamento autônomo, ou de pensamento propriamente dito, mas, de maneira mais essencial, ausência de interesse comum.

Esta apoteose presente no individualismo, pela qual se deixa levar Adorno na crítica imanente de sua dialética negativa, se confirma contra a totalidade das sociedades agrárias de um contexto pré-moderno que eram sumariamente desqualificadas; por outro lado, contra o próprio absolutismo burguês da Modernidade, assim como contra os regimes totalitários de estado da história da imposição do capitalismo do século XX, fundamentalmente sob a *ratio burguesa*:

A *ratio burguesa*, como princípio de convertibilidade que é [...], idêntica consigo mesma; e seu êxito nesta tarefa foi cada vez maior, ainda potencialmente devastador [...] por isso está em moda falar da crise do sistema como ideologia também entre todos aqueles tipos que antes cultivaram um ideal sistemático já passado e que nunca podiam protestar bastante seu rancor contra o brilhantismo intuitivo e desordenado. Já não se pode construir a realidade, porque haveria que fazê-lo demasiado a fundo (DN, p. 31).

Adorno segue a esteira de Marx considerando que as formas do *fetichismo*, ao mesmo tempo em que são denunciadas ideologicamente, são agudizadas *a priori*, e sem qualquer limitação concreta. O horror puro e duro de um “apego à natureza” supostamente total na sua forma-mercadoria, evidencia sob a forma da estrutura da sociedade capitalista, à desfiguração humana. É o feitiço da produção de mercadorias, o feitiço do mercado, do dinheiro e da produção que desfiguram os indivíduos e sua própria individualidade.

A individualidade existiu em todas as sociedades históricas, uma vez que na relação do ser humano particular com uma forma social, já se encontra estabelecida a partir da segunda natureza e, daí, coincide com a humanização. Por isso, o ser humano particular também tinha de ser percebido enquanto tal, tendo os seus espaços de manobras, mesmo que essa individualidade se exprimisse de formas diversas, consoante à mediação com relações de fetiche diversas da constituição social.

Com isso, no entanto, apenas se torna nítida toda a crítica social elaborada na medida em que tenciona alcançar “libertação” logo através da “subjetividade”, no que toca à dimensão mais profunda da sua estreita associação ao sistema da sociedade do valor e da dissociação. A subjetividade não é o modo da libertação, mas pelo contrário, a forma do aprisionamento do indivíduo. Ao encararem-se como sujeitos, os seres humanos já se encontram apanhados na relação dialética entre *sujeito-objeto* da constituição moderna do fetiche.

Também aqui estamos novamente perante uma ilusão ótica: O sujeito apresenta-se como contrário do objeto e, com isso, supostamente da objetivação pelos poderes anônimos da forma social, de modo que a subjetividade é invocada contra a coação por eles exercida. Esta perspectiva superficial não se compenetra na relação de fetiche moderna, mas pode mover-se unicamente em opostos polares que, ainda assim, designam uma identidade negativa.

Sendo assim, o sujeito apenas entra em contradição com a objetividade de maneira que, aquele representa a

voz ativa própria desta, meio consciente e meio inconsciente. Isso é necessário justamente porque tal objetividade nem sequer existe enquanto uma existência material, isto é, “fora” da consciência dos indivíduos (pensamento e ação estão coisificados, não sendo, no entanto, “coisas” independentes dos indivíduos).

A polaridade entre sujeito-objeto parece facilmente uma estrutura por sua vez dogmática, em que deve realizar-se toda dialética. Pelo contrario, ambos os conceitos são categorias da reflexão produzidas, formuladas para algo sem composição, nem para algo positivo, nem conteúdos primários, senão absolutamente negativos: o único que expressa é **a diferença** [...]. Todos os conceitos, incluindo o do ser, reproduzem a diferença entre o pensamento e o pensado. A constituição antagônica da realidade tem carimbado a consciência teórica com a diferença (DN, p. 176-177).

Sujeito e objeto são, e ao mesmo tempo não o são, na medida em que necessariamente não se resumem a isso. Só por isso é que a própria forma de percepção, de conhecimento e atuação pode vir ao encontro nos resultados como um poder alheio da consciência ou do exterior. Esta forma é precisamente a forma do sujeito (a “forma sujeito-objeto”) em que eles executam na coação da relação de fetiche.

A dialética sujeito-objeto não é outra coisa senão o circuito da agregação em que os indivíduos se alienam de si próprios pela sua própria atuação, constituindo, em degraus cada vez mais altos da escada do desenvolvimento, um resultado que os domina, acabando por aniquilá-los a

eles próprios, sob a forma de uma objetividade aparentemente exterior.

O desmoronamento da subjetividade moderna em todas as suas variantes sociais, face ao peso esmagador da objetividade destruidora do mundo que ela própria produziu, mostra quão insustentável se tornou à coisa chamada sujeito-objeto, que constitui a destrutiva forma de movimento do moderno sistema produtor de mercadorias. De acordo com Adorno, enquanto os indivíduos continuarem a deixar-se amarrar à forma do sujeito, eles não poderão alcançar senão a própria perdição.

A complexidade que implica a *conceitualização* da realidade e o limite que indicam os mesmos conceitos na própria construção moral demonstram uma *totalidade antagônica*, que nos leva a compreender a finitude do pensamento e do conhecimento e seus limites éticos. Dessa forma, insiste Adorno que a *dialética negativa é a consciência conseqüente da diferença*, por isso não se ocupa antecipadamente com apenas um ponto de vista.

[...] um conceito assim de dialética tem que duvidar da sua possibilidade. A antecipação de um constante movimento em forma de contradições parece ensinar em todas suas variações possíveis a totalidade do espírito, ou seja, a teses da identidade já superadas [...] o espírito que reflexiona sem descanso sobre a contradição real tem que ser essa mesma realidade, para que esta possa organizar-se segundo a forma da contradição (p. 18).

Esses elementos constituem uma forma de pensar que rebaixa os limites do pensamento comum, *pensar*

*filosoficamente significa pensar em modelos; a dialética negativa é um conjunto de análises de modelos (p. 19). Esses modelos é uma cobrança em relação ao desenvolvimento de um determinado **conceito moral**. Para Adorno o conceito tem origem no não-conceitual, e isto, excursiona a própria filosofia para *desmitologização do próprio conceito* (p. 19-20).*

Se não estamos atentos a essas configurações sociais, passam despercebidas as relações alienantes e ideológicas que, mecanicamente automatizam o sujeito como peça de uma engrenagem social fechado em si mesmo e como consumidor dos espetáculos barbarizados. Dessa forma, o resgate da *alteridade* deveria estar potencialmente, no *ethos* de uma *moral emancipatória e de resistência à barbárie*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Dialéctica negativa*. Trad. de José Maria Ripalda, revisada por José Aguirre. Madrid: Taurus ediciones, 1975.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialéctica do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

DUARTE, Rodrigo. *Notas sobre modernidade e sujeito na Dialéctica do Esclarecimento*. In: *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997 (p. 45-63).

_____. *Apuros do particular: uma leitura de Mínima Moralia*. In: *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1997 (p. 145-159).

GIACÓIA JR., Osvaldo. *A ética na era da globalização à luz do pensamento de Adorno*. In: LASTORIA, Luiz A. C. N.; COSTA, Berlamino C. G.; PUCCI, Bruno. *Teoria crítica, ética e educação*. Piracicaba/Campinas: UNIMEP/Autores Associados, 2001.

MAAR, Wolfgang Leo. *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*. In: ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Educação, sujeição e crítica na perspectiva de Adorno*. In: DALBOSCO, C. et al. *Sobre filosofia e educação: subjetividade-intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica*. Passo Fundo: UPF, 2004.

_____. *Adorno, semiformação e educação*. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 83, n. 24, 2003. p. 459-476.

NOBRE, Marcos. *A Dialética negativa de Theodor W. Adorno: A Ontologia do Estado Falso*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

ZUIN, Antônio Álvaro S. *Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia*. São Paulo: FAPESP e Autores Associados, 1999.